

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

BIBLIOTHECA MACHADO

22.º 66

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia, travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno : 1:000 rs. — Por semestre : 600 — Por trimestre : 300 — Por mez 120 — Avulso 20 rs.

INTRODUÇÃO.

A *Galeria theatral* vem tomar um lugar na imprensa para fazer uma exposição.

O theatro é uma acção moral, mas tambem é um agente commercial. A galeria vae consideral-o nestas duas relações.

Como acção moral o *theatro* tem estado na nossa terra em quasi completo abandono, ainda ha pouco, ninguem cuidava de o dirigir, ninguem lhe ministrava conforto e alento.

A mesma imprensa se lemita ainda a um pequeno relatorio do espectáculo; á critica superficial, passageira, e quasi sempre parcial e fugitiva da peça.

O actor, e a obra ahí ficão reduzidos a procurarem no seu amor pelo estudo, o que uma critica sensata lhe deveria fornecer.

Ninguem se dedicou ainda á importante especialidade da arte scenica.

A *Galeria* não tem a pretensão de preencher esta lacuna, mas tem a convicção de que ha-de lançar os fundamentos d'este proveitoso trabalho.

Começará por expôr com imparcialidade o que achar nos theatros, apresentará o seu juizo sobre o merecimento das peças; avaliará a sua execução, e registará a biographia dos artistas para mais tarde lhes pedir contas do seu adiantamento.

Não vae escrever um tractado completo de poesia, nem de declamação, nem de musica, nem de dança, mas vae applicar os mais conhecidos principios de todas estas especialidades ao que vir, e ouvir.

A censura aspera e severa, na adolescencia da arte em que nos achamos, não cria, mata authores e artistas. A *Galeria* não seguirá este perigoso extremo.

O elogio descomposto, os encommendados encomios prejudicam o progresso do author e do artista, o seu amor proprio faz-lhe julgar falsamente, que o juizo parcial do amigo é o resultado da sua capacidade, esfria no estudo, julga-se já n'uma esphera superior. A *Galeria* por tanto ha-de ser tão parca no elogio, como moderada na censura.

A *Galeria Theatral* ha-de preencher escrupo-

losamente o pensamento, que o seu nome encerra. Exporá tudo o que fôr digno de notar-se; criticará tudo o que fôr susceptivel de critica, aconselhará tudo o que fôr capaz de remedio, callar-se-ha quando as paixões, e as intrigas vierem tomar o lugar do talento, e do estudo.

Os artistas terão um lugar na *Galeria*. O seu nome será sempre expostos com prazer, quando o seu merecimento fôr reconhecido. Se por ventura apparecer uma apreciação menos exacta, um erro de facto, o artista pode reclamar logo, e terá apenas o trabalho de provar o involuntario engano, para obter a prompta reificação.

A *Galeria Theatral* não vem sustentar empenzas, procura protecção para o theatro. A *Galeria* não tem predilecções individuaes, tem desejos geraes por todos que cultivam a arte.

A declamação, a musica, e a dança, são as trez principaes artes, que os theatros sustentam. Mas para que ellas brilhem aos olhos do publico, quantas outras não são necessarias? A *Galeria Theatral* toma tambem o encargo de considerar as artes accessorias; e por isso vae observar tambem o theatro como um agente commercial.

Ainda não vae longe o tempo, em que entre nós era considerado o theatro como o ultimo refugio da extravagancia. Os authores appareciam de seculos em seculos, os artistas não tinham consideração alguma social. Vivendo absolutamente á parte do resto dos cidadãos, só se encontrava o actor na vespera do beneficio a offerecer o bilhete.

O theatro era olhado como um passatempo perigoso para a honestidade de certas familias, e como muito sensabor para um espirito mais cultivado. Uma policia mal feita, a indecencia de quasi todas as salas d'espectaculo affugentavam do theatro uma boa parte do publico.

Esses males felizmente não existem. O artista tem na regularidade do seu comportamento um seguro penhor para a consideração publica. O author tem n'uma retribuição pecuniaria senão muitos, ao menos alguns meios para não viver só de folhas de loiro. O publico encontra toda a decencia nas salas de expectaculo, em que uma bem organizada policia lhe assegura um divertimento tranquillo.

Mas o publico de hoje não quer só que lhe fallem ao espirito, deseja tambem que lhe fallem

aos olhos; e por isso o theatro tem necessidade de alimentar muitas mais artes, do que d'antes. D'algumas destas, absolutamente novas entre nós, é que também a *Galeria* se hade occupar.

O poeta, o declamador, o baillarino, e o musico alem da retribuição pecuniaria que recebem no escriptorio, tem o estímulo da gloria que vem colher ao palco. O pintor, o aderecista, o alfaiate, e os outros artistas, que com o seu trabalho concorrem para que aquelles brilhem, devem também ter na *Galeria* um lugar reservado. O estímulo se faz bem aos primeiros, não deve prejudicar os segundos.

O theatro considerado como agente commercial sustenta muita industria, e alimenta milhares de individuos.

A *Galeria Theatral* hade publicar a estatistica exacta de todos os theatros desta cidade. Algumas das direcções ja nos promptificaram os dados que precisavamos, estamos certos que todos as outras nollos hão-de fornecer; o interesse é de todos.

Se o publico apreciar o nosso trabalho, se os artistas, que se empregam nos diversos theatros comprehendendo bem a importancia dos fundamentos que a *Galeria Theatral* vai lançar, quizerem ajudar a levantar um edificio proveitoso para a arte, a redacção deste jornal com muito gosto augmentará o plano do edificio, dando-lhe maior area e desenvolvimento.

GALERIA.

THEATRO DE S. CARLOS.

O theatro de S. Carlos é a primeira sala de espectáculo desta cidade. A musica, a dança, a mais escolhida sociedade da capital, tudo concorre para que tenha o primeiro lugar entre todos os divertimentos publicos.

A historia deste theatro é mui curiosa. Não podemos dal-a por agora; mais tarde o faremos para que o publico conheça a quem deve, e como se levantou aquelle magnifico edificio, e para que igualmente se erga um brado de gratidão, a quem generalizou entre nós, tão grande amor pela musica.

Tractaremos por agora sómente da nova abertura do theatro de S. Carlos, que será no dia 24 do corrente, segundo já ouvimos annunciar pela imprensa.

A empresa continua a ser este anno a do sr. Vicente Corradini. Não nos parece conveniente aproximar esta empresa d'outras, que naquelle mesmo theatro tem havido, porque nesse caso, tinhamos também d'aproximar épocas, para as apreciar devidamente, apreciação esta muito impropria dos desejos deste jornal: temos porém para formar o nosso juizo a respeito do futuro desta época theatral, o passado da mesma empresa, que ainda está bem recente; e accresce ainda para facilitar o nosso juizo, que o pessoal da companhia é quasi o mesmo. As condições que, pelo que pertence á companhia, a empresa accetou do governo, e deve cumprir são as seguintes:

Companhia de canto.

Duas primeiras damas absolutas.

Uma primeira dama in genere e supplemento.

Uma dama musicchetto.

Uma segunda dama.

Dous primeiros tenores absolutos.

Outro primeiro tenor.

Dous segundos tenores.

Um primeiro baixo baritono absoluto.

Dous primeiros baixos profundos, tendo um obrigação de baixo-comico.

Outro primeiro baixo.

Um mestre e ensaiador.

Dous mestres de córos.

Ponto.

Doze coristas damas.

Vinte Cavalheiros.

Quarenta e sete professores d'orchestra, dirigidos pelo sr. Caetano Jordani.

Companhia de Baile.

Uma primeira bailarina absoluta.

Um primeiro bailarino absoluto.

Duas primeiras dançarinas supplementos.

Segundas bailarinas, coriphéas, figurantas; que formam o corpo do de baile: dezoito.

O pessoal, segundo sabemos, está já completo da seguinte fórma:

Damas — a sr.^a Gresti e Rafaela Galindo.

Tenores — os srs. Caetano Baldanza, Antonio Apparicio, Antonio Bruni, e Francisco de Paula Quiroga.

Baixos — o sr. Caetano Fiori, Nicola Beneditti, e Antonio Maria Celestino.

Ensaaiador — o sr. Francisco Schira.

Mestre de córos — os srs. Augusto Cezar e José Nicolau de Oliveira.

Ponto — o sr. Joaquim Ignacio Canogia Junior.

Companhia do baile — sr.^a King, e o sr. Vienna, e as sr.^{as} Moreno e Devechi.

A empresa está ainda obrigada a apresentar até o fim do mez de Dezembro mais uma dama absoluta, um primeiro baixo, e um primeiro tenor, e também espera um novo bailarino.

Os nomes de todos estes artistas são já muito conhecidos do publico. Continuarão elles a gozar do mesmo favor como até aqui? E' o que o futuro nos hade dizer. A platéa de S. João do Porto confirmou a sentença, que a de S. Carlos tinha lavrado a respeito do seu merecimento. Veremos se n'uma nova época variam os juizos do publico. Accredita-mos que não.

O repertorio do sr. Corradini o anno passado foi muito feliz, e a empresa deve a *Verdi* uma boa parte do seu successo. E' o segredo de todas as empresas, o conhecer a inclinação, e a vocação dos artistas, procurar-lhe os *maestros*, com que elles mais sympathisam. Foi o que fez o anno passado o sr. Corradini, o resultado coroou as suas esperanças.

E este anno?

A *Arzilla* é a primeira peça nova, que se deve representar em S. Carlos no dia 29. Não a conhecemos, no proximo numero esperamos estar habilitados a fallar della com mais propriedade; mas antes disso teremos ainda a gozar o *Attila* e o *Macbeth*, que tanto e tanto agradaram, e que talvez ainda levem muita gente ao theatro. Veremos se o Banco ainda apparece tão horivelmente mutilado no festim do *Macbeth*, e observaremos se *Lady Macbeth* ainda tem tanto poder no animo do seu esposo, e tanta força naquelle sempre applaudido

Vieni altrove! ogni sospetto

Rimoviam dall' uccisor

Torna in te! fa cor Macbetto

Non ti vinea un vil timor.

finalmente ouviremos aquella bella nota do sr. Fig-

ri do fim do 3.º acto, cuja força ainda hoje admiramos.

A empresa segundo informações, que nos parecem exactas, tem em este anno juntar *Mayerbeer* com *Verdi*. O *propheta* — o *assedio de Harlem* — e *Maria de Rouen* são as primeiras tres peças novas que em S. Carlos devemos ver. A *Galeria* hade contar a historia destas composições, porque entra no plano do seu trabalho, comparar o effeito, que entre nós produzem certas peças, que já tem sido representadas lá fóra, com o successo que lá tiveram obtido.

A respeito de bailes o que fará a empresa? Escolherá o genero apparatus unicamente, sem cuidar do mimo e da graça? Preferirá dar-nos em cada dança uma boa vista final, sem nos offerecer pelo meio do baile o que mais interessa nestes espectaculos — a elegancia na composição, a difficuldade nos passos, e sobre tudo a novidade na execução? Será partidaria de Walquires, ou da Paqueta?

Aconselhamos com sinceridade a empresa que se decida pelo ultimo genero. A experiencia deve-a ter desenganado. O sr. Corradini tem uma boa cópia de bailarinos; procure um compositor de gosto e talento; e livre-se da escolla do anno passado; foi dinheiro perdido o que ganhou o tal sr. Viotti, que pertendeu fazer danças tão grandes, e sensabores como era o volume do seu abdomen. O corpo de baile este anno ficou dividido entre o theatro nacional, e o de S. Carlos; não queremos por agora dizer qual dos dous theatros ficou mais bem servido, porque nunca anteciparemos os nossos juizes; está na mão dos artistas rivalisarem em perfeição e estudo. A *Galeria* hade fazer-lhes justiça.

A *Galeria* não pôde ainda neste numero publicar com desejava, uma estatística exacta de todos os individuos a quem o theatro de S. Carlos sustenta; porque o quer fazer com a maior exactidão, e para isso lhe faltam alguns elementos, mas mui brevemente o fará.

A *Galeria* tambem não apresenta hoje a *biographia* d'algum dos artistas do theatro lyrico, porque lhe faltam igualmente os esclarecimentos de que necessita, mas em breve espera tel-os. Registrará o nome e a vida de todos os principaes cantores e bailarinos, para ficar entre nós gravada a memoria destes artistas, que nos deleitaram com o fructo do seu estudo.

THEATRO DE D. MARIA II.

O theatro de D. Maria II é o primeiro theatro nacional do paiz. E' o fundamento da arte, dever ser a escolla dos artistas. Este theatro deve considerar-se por dous aspectos, como repartição do estado, e como salla de spectaculo publico.

Poderá o theatro de D. Maria II ser em Lisboa, o que é o theatro francez em Pariz? Deverão ser representadas neste theatro só peças originaes, e de certo genero? Intendemos que não. Para se fazer assim seria indispensavel ao governo dotar o theatro, com meios, de que infelizmente a nossa situação financeira não pôde dispôr. O theatro de D. Maria II deve pois, lembrar-se sempre que é um viveiro d'artistas, mas igualmente não deve esquecer que é uma salla d'espectaculo, e que como tal deve procurar o gosto do publico, para poder atrahil-o e viver com decencia.

A direcção deste theatro está confiada aos sr.

Epifanio e Theodorico, vigiada por um fiscal, que o governo nomea. A administração marcha com a maior regularidade; o credito da direcção revela-se na facilidade, com que encontra quem lhe confie grandes valores; quando precisa levar uma peça de grande spectaculo, como o Templo de Salomão. Uma austera probidade, a maior exactidão nos seus pagamentos tem grangeado para a direcção este lisongeiro conceito.

A comissão inspectora nomeada pelo governo está encarregada de criticar as peças, que se appresentem, e de lhe conceder, ou negar licença para serem representadas.

O ensaio dos espectaculos, a maneira de os levar á scena, o modo de os executar, tudo isto é da exclusiva attribuição do sr. Epifanio. E' força confessar que o sr. Epifanio tem desenvolvido um superior talento neste difficil trabalho; e tem mostrado muita intelligencia e penetração. N'um dos proximos numeros, quando tractar-mos da biographia do sr. Epifanio, fallaremos mais d'espaco deste genero de estudo, em que o distincto artista tanto se tem adiantado.

Viemos achar em scena o *Templo de Salomão*. A respeito do merecimento deste bello drama do sr. Mendes Leal já a *Galeria* não tem nada a fazer. O publico lavrou a sentença. Quando o juiz natural deste genero de composições se decide por modo tal, não resta senão copiar o veredictum. Encerra-se em pouco. Eis a opinião do publico traduzida na eloquencia dos factos. O *Templo de Salomão* tem sido representado cincoenta e trez vezes, e por cincoenta e trez vezes tem sido applaudido. O *Templo de Salomão* tem enchido cincoenta e trez vezes os camarotes do theatro de D. Maria II, e a platéa por cincoenta e trez vezes tem battido as palmas nas mesmas occasiões, e nos mesmos lances do drama. Não está por tanto a causa deste triumpho no pessoal da platéa, que variou, está no merecimento da peça, que não mudou. Um successo desta magnitude é novo entre nós. Será devido ao merecimento do drama? Provirá da sua primorosa execução? Dever-se-ha unicamente aos ouropeis com que o vestiram?

O publico responde = *E' devido a tudo isso*, e responde assim quando applaude com frenesi o dialogo; quando quer tornar a disfructar o effeito scenico; e finalmente quando batte as palmas aos artistas e os chama fóra.

O *Templo de Salomão* fica marcando no theatro nacional uma das suas mais brilhantes épocas. Não fallaremos da execução individual; porque cabe mais esta apreciação na biographia dos artistas, que hoje começamos pela sr. Soller; e que continuaremos, se os interessados se prestarem a dar a esta redacção os esclarecimentos que precisa para concluir com proveito este trabalho novo entre nós.

O theatro de D. Maria II considerado como agente commercial, isto é, como um grande consumidor de certas materias primas, que lhe são indispensavcis, para as artes accessorias, que sustenta considerado igualmente como o protector dessas artes, cujos productos não tem outra extracção senão o theatro, será objecto das nossas observações n'um dos numeros immediatos. Appresentaremos uma estatística curiosa, e procuraremos dar-lhe o possivel desenvolvimento.

BIOGRAFIA.

Joseph Soller d'Assis.

Os antigos frequentadores do theatro de S. Carlos não devem ainda ter esquecido uma das segundas baillarinas, que pela sua engraçada figura, e pelos rapidos progressos, que todos os dias hia desenvolvendo, dava esperanças de vir no futuro a occupar um dos primeiros logares nos bailles do Theatro lyrico.

A empresa do sr. conde do Farrobo, essa opulenta empresa, que nos mostrou até onde pôde chegar a sumptuosidade dos espectaculos, e como a variedade torna o theatro encantador, entre as diversas danças, que apresentou, houve uma na qual a baillarina, de que fallamos, preenchia uma parte, que o publico recebia sempre com applauso.

Aquella engraçada linha de amazonas da dança os *Martyres* era commandada por uma chistosa guerreira, que na frente da linha era recebida sempre pelas duas platéas, com vivissimos applausos.

Esta guerreira era a sr.^a Joseph Soller, segunda baillarina do theatro de S. Carlos, e hoje primeira dama do theatro de D. Maria 2.^a

Pouco tempo depois a joven baillarina desapareceu do palco de S. Carlos, a esperançosa artista sumiu-se da scena.

Todas as probabilidades affiançavam a sr.^a Soller um futuro brilhante na arte, que com esmero estudava; mas o destino que zomba sempre das conjecturas humanas tinha feito desaparecer a baillarina de mediano merecimento, para nos apresentar pouco depois a actriz de talento superior.

A enfermidade d'uma perna impossibilitou a sr.^a Soller de continuar a dançar. Habituada já a pizar o palco, a sr.^a Soller entendeu, e entendeu bem, que devia ensaiar a vida de actriz. Aballaram a as instancias do sr. Emilio Doux, emprezario então do theatro do Salitre, decidiram-a o louvavel desejo de procurar uma subsistencia honesta.

(Continuar-se-ha.)

THEATRO DO GYMNASIO.

O Gymnasio começou a ser um theatro de declamação em 1846, até alli era destinado a espectaculos de diverso genero.

O sr. Emilio Doux com alguns artistas, que tinham feito parte da companhia do Salitre, estabeleceu uma sociedade; e conseguiu atrahir para este theatro a concorrência d'um publico illustrado.

A boa escolha dos espectaculos, o acceio, em que poz a salla, e uma rigorosa policia acreditou em pouco tempo de tal sorte o theatro do Gymnasio, que ordinariamente estava cheio de espectadores.

Em Novembro de 1848 deixou o sr. Emilio Doux de ser o director e o ensaiador. Houve quem prognosticasse ao Gymnasio uma completa e proxima ruina; por que infelizmente entre nós, grassa ainda o prejuizo, de não acreditarem nos portuguezes a capacidade necessaria para algumas empresas; mas a experiencia tem desmittydo triunfantemente o negro prognostico; e mostrado que os artistas daquelle theatro sabem viver em sociedade, e podem governar-se com acerto.

Uma sociedade composta de alguns dos artis-

tas, e do sr. Machado como fiscal; e do sr. Lima como camaroteiro, constitue a empresa. Estabeleceu-se já um montepio, e promete um futuro esperançoso. A salla está mui acceiada, e tem-se feito todos os melhoramentos que a estreiteza do edificio permite.

O Gymnasio é um theatro de comedia. Não devem distrai-lo da sua natural inclinação. A comedia, e a farça gozam-se ali em toda a sua plenitude; porque se ouvem todas as silabas, que o actor profere; porque se goza de todo o effeito, que a sua gesticulação pôde produzir; o que não acontece em sallas maiores. O Gymnasio pois não deve deixar a especialidade da comedia, em que prima, para ir tomar um lugar inferior n'outro genero de declamação, para que lhe fenecem ainda alguns meios.

Faltam-nos hoje o espaço para enumerar as peças, que compõe o repertorio deste theatro, e igualmente para tractar do seu pessoal. Brevemente o faremos. A critica dos espectaculos ultimos, e da sua execução também não hade esquecer.

Começaremos a tractar dos artistas pela biografia do sr. Taborda, continuaremos pelos dos outros actores, e atrizes se nos forem fornecidos alguns apontamentos que nos faltam. Convem porém advertir desde já, que na ordem das biografias a *Galeria* não estabelece precedencias, nem começa por este, ou aquelle, para mostrar que o prefere aos outros. A apreciação do merecimento dos artistas hade ser franca e sem rodeios. Chamaremos bom, ao que julgarmos bom, e mediocre ao que entendermos que não é superior, não ha portanto preferencia na escolha desta ou d'aquella biografia, ha só commodidade, ou possibilidade da redacção.

THEATRO DE D. FERNANDO.

No local da extincta igreja de S. Justa na rua dos Fanqueiros acaba de edificar-se um novo theatro, que se denomina theatro de D. Fernando.

Segundo nos consta o sr. Emilio Doux é o empresario, e o ensaiador. Não conhecemos a companhia, nem vimos ainda a salla; assim que tivermos conhecimento de ambas as cousas fallaremos dellas com a imparcialidade que nos impoemos.

Parece que a sr.^a Emilia pertence já á companhia, a que também está associada a sr.^a Levi, e que no dia 29 se estreia o novo theatro. E' o que unicamente podemos dizer.

EXPECTACULOS.

D. MARIA II — Terça feira 23 — O Templo de Salomão.

GYMNASIO — Domingo 21 — Qual dos Dois! — Um banho na Barca. — Um Tutor de vinte annos. — A Bofetada.

Segunda feira 22, em beneficio, pela ultima vez — A Velhice nomorada. — Cada qual no seu officio. — Não foi ao Jardim? — As pequenas miserias.